

Um circo de escola: experiência e invenção¹

Tarcísio Moreira Mendes - UFJF

Prólogo

Respeitável leitor, convida-o, agora, a **exercitar uma torção no entendimento** a respeito de um modelo tradicional de construção de texto acadêmico. Este texto surgiu em experiência singular, nos encontros em oficina de circo, teatro e dança. Mas a sua criação só foi possível graças à experiência com textos antes lidos. No entanto, por se tratarem de leituras muito vivas naquele corpo em oficina, as citações diretas não se deram, mas permeiam por completo as linhas escrituradas. Os conceitos “repetição”; “diferença”; **“pensamento”, como criação; “aprendizagem”, como não saber**, e **“acontecimento”,** como experiência singular e não cronológica, presentes na obra “Diferença e repetição”, de Gilles Deleuze, de fato, constituíram-se referências para a invenção deste texto, apesar de não se configurarem como citação textual direta para sua elaboração. Assim, estendo também o convite à leitura deste belíssimo texto deleuzeano que muito pode contribuir para a vitalidade da educação e de outras tantas produções como esta, afirmando a **vida como obra de arte**.

O aprendiz, por outro lado, eleva cada faculdade ao exercício transcendente. Ele procura fazer com que nasça na sensibilidade esta segunda potência que apreende o que só pode ser sentido. É esta a educação dos sentidos. E de uma faculdade a outra [da sensibilidade à imaginação, da memória

¹ Produção parte do projeto “Oficinas de exercícios formativos: cartografias dos processos ético-estético-políticos em professores em formação”, financiado pela FAPEMIG, n. 02077-12.

ao pensamento], a violência se comunica, mas compreendendo sempre o Outro no incomparável de cada uma (DELEUZE, 1988, p. 159).

1 Corpos e tecidos: o circo chegou!

O circo chegou à cidade! Diferente de tempos imemoriais, sua caravana não aportou numa carroça com homens sobre animais exóticos, anões ou gorilas, usando a diferença como espetáculo de massa. Ao invés disso, fora anunciado, não em alto-falantes, mas nas redes sociais virtuais. Lançou uma rede, presos alguns conhecidos rostos e tantos novos rostos em encanto. Esta é a palavra: Encontro!

Diferente dos espetáculos mambembes financiados pela passagem de chapéu do fim do dia anterior, os recursos são gerados do desejo que gera mais desejos. Encontro de desejos. O desejo que cria arte acoplado ao desejo de fazer arte (Teatro Terceira Margem)², ao desejo de fazer arte com política (Lei de Federal de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet), ao desejo de fazer alguma arte com dinheiro dos impostos (ArcelorMittal), ao desejo de ocupar espaços com arte (Prefeitura de Santos Dumont, Minas Gerais) ao desejo de criar mais arte – todos os participantes das oficinas. Encontros. Desejos que criam oficina Artesania Nômade³.

² O Teatro Terceira Margem é uma associação cultural que promove a formação, a criação, o intercâmbio e a fruição artística na área de artes cênicas, com foco na arte de palhaços, no teatro de rua e no teatro em espaços alternativos. Seus trabalhos se constituem em apresentações cênicas, processos criativos e desenvolvimento de projetos culturais e ações em rede. Todas as atividades são formuladas e desenvolvidas a partir dos princípios do trabalho colaborativo, da dedicação artística e da busca pela justiça social. Disponível em <<http://idearioarte.blogspot.com.br/p/quem-somos.html> Acesso em: 17 de mar. de 2013.

³ O projeto realizado pelo Teatro Terceira margem e que pretende implantar uma escola livre de circo e teatro na cidade de Santos Dumont-MG. Serão realizadas: oficina montagem, apresentações e intervenções artísticas e encontros reflexivos. Patrocínio da ArcelorMittal através da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

⁴ A Fanfalhaça é uma fanfarra pesquisa cênica do Terceira Margem de Teatro composta pelas palhaças Biju (Júnia Bessa) e Ricota (Poliana Reis) e pelo palhaço Tchano (Cristiano Pena).

⁵ O Grupo Circo Olímpico vem se apresentando desde 2000 em eventos e praças com grandes espetáculos. Fundador e diretor do grupo, Romel Gonçalves ganhou prêmios e campeonatos nacionais de ginástica olímpica e acrobática. Trabalhou em parceria com diversos artistas e

O grupo que vem fazendo palhaçada em fanfarra, a Fanfalhaça⁴, traz consigo malabares humanos do Circo Olímpico⁵, que já não precisa de animais exóticos ou adestrados. Nem mesmo expor a diferença ao ridículo da espetacularização. Fazem circo do animal indispensável que cria formas e sons, que retorce, contorce, gira e salta; sobre fogo entre os círculos, sob a vara, com objetos: bicho gente. Encontro.

Ainda diferente dos circos memoráveis, que estendem suas lonas coloridas em terrenos quase abandonados, vazios, o local escolhido ou possível naquele momento fora o Centro Cultural de Santos Dumont. Que jus ao nome apenas o centro, pois está localizado no centro da cidade. Lugar cheio de histórias, de significados muitos. Nada baldio, pelo menos ao se tratar de paredes, teto e alguns objetos. Talvez controverso. Lugar onde já passaram ilustres desconhecidos que fazem e fizeram a cidade viver. Onde conhecidas figuras como Dom Pedro II ou Henrique Dumont já habitaram. Onde já fora convívio e passagem para o grande inventor e “Pai da aviação”, Alberto Santos Dumont. Onde quinzenalmente, aos domingos, monta-se a banca do “Choro na feira”⁶, com presença ilustre do jovem grupo Choro Uai⁷. Agora, cenário para mais uma história que começa a ser vivida. Encontros.

A antiga estação de passageiros de trem (quer coisa mais mineira!?) agora nomeada Centro Cultural, ainda carece de muito

grupos, como: Kleber Conrado e Marcus Casuo do Cirque Du Soleil, Beto Carrero, Escola Nacional do Circo (RJ) e Grupo Trampolim.

⁶ Projeto idealizado pelo músico e educador sandumonense Tiago Guimarães. Iniciado em fevereiro de 2012, leva o estilo musical chorinho, quinzenalmente, às manhãs de domingo da feira livre de Santos Dumont – MG. Atualmente, faz parte da AMA-SD.

⁷ Grupo de músicos sandumonenses (Alysson de Vasconcelos – Violão; Conrado – Pandeiro; Gabriela Amorim - Flauta Transversal; Luiza Andressa - Sax Tenor; Rafael Yung – Cavaquinho; Tiago Guimarães - Sax Soprano) que trabalham para o resgate e difusão da cultura do chorinho mineiro. Formado desde fevereiro de 2012, sua vida já deu vida a vários projetos culturais e artísticos na cidade de Santos Dumont-MG, desdobrando-se na criação da AMA-SD (Ação em Movimentos Artístico-Santo Dumont). A AMA é uma associação que se desdobrou nos projetos Degusta Dumont, LeituraAMA, Feira com Choro, Doses de Cultura e Arte, Revista Cultural ABAQUAR e Ensaio Aberto. Mais informações acesse <http://www.amasd.com.br>.

cuidado para **passar da cultura da memória ao cultivo que cria**. As paredes muito amareladas, os pombos corriqueiros disputadores de espaço, o piso muito cimento, muito frio, as cadeiras prontas para serem recuperadas, as instalações elétricas sempre um show de luzes que piscam, o barulho do trem sempre presente. Mas estes nômades, feito gente cigana, misterioso no olhar, de movimentos sedutores, traz muito tecido. Diferentes tecidos de texturas de diferentes sentidos.

O galpão amarelo compõe com **o dourado vermelho, o azul prateado, o cinza verde, o marrom laranja, o preto rosa...** quantas cores possíveis de serem inventadas. Arco-íris inventado. No chão, é estendido um círculo colorido impossível de ser descrito, vista a simplicidade dos tons que confundem o costumeiro do olhar. Eu acostumado a ver tantas cores, tantas cenas, tantos teatros, **o conhecido tornara-se desconhecido**. Consigo precisar apenas a presença de uma estrela amarela ao centro do círculo, que não marcava o centro da sala, apenas mais um centro possível, que redividia e inventava novas dimensões àquele galpão. Já não abandonado, mas ocupado por sombrinhas, bambolês, tecidos múltiplos em cores e texturas. **Muitas tessituras. Muitas texturas**. Apesar de não haver lona arqueada, estava inventado um novo circo em Santos Dumont.

Para abrir as comemorações e inaugurar os trabalhos, outro encontro: “Choro Uai” e suas sonoridades mineiras executadas pelos amigos sandumonenses embalam as acrobacias circenses. A Fanfalhaça une-se ao coro do Choro. **Já não é possível dizer o que é ou não é**, são nômades que agora ocupam o território inventado naquele galpão metamorfoseado em picadeiro! E o show não pode parar. Seguem os dias. A alegria dos anúncios dos futuros encontros: seremos nômades em nossa própria terra, pelo menos até setembro. Até lá, novos territórios a serem ocupados e, sobretudo, inventados na velha terra natal nova. Muitos natais se anunciam!

Em dez dias. Uma vez por mês. De abril a setembro. Convite à criação! Eu já formado. Pós-Graduado. Especialista em desaprovação em processos seletivos para mestrado. Ponho-me a pensar. Não por mim, mas pelos encontros. Posto de férias, a pensar. Pensamento tira férias? Talvez. “Só que não!” **Invisível que salta aos meus olhos**, que faz pulsar, **vitaliza o pensamento**. Meio que naturalmente **desnaturalizado**, preferi não me pronunciar para assim me enturmar melhor. Ficar livre das ansiedades, das expectativas, afinal, aquele era, de fato, um novo encontro para todos. Mesmo porque de circo, eu bem sei ser um ótimo espectador. Gostaria demais saber estar no centro do picadeiro. Mais ouvir e ver que dizer: quanta criança tem a turma da tarde. Porque tem ainda a turma da noite que está lotada. Preferi à tarde, menos pessoas, talvez **mais tempo para errar, mais desconhecidos**, mais tempo para observar, mais tempo para pensar. Estou cá pensando. E agora, escrevo.

Interessante essa relação com o tempo. Há ali um contra cronos, uma corrida contra o tempo. Não uma mera oposição ou embate entre diferentes que não se entendem. Mas, contudo, **afirmação de tempo outro**, relação possível com o tempo que já está posto com **outros tempos** que são **despertados**: multiplicidade temporal. Aquele que deseja aprender o mais rápido possível, como se já faltasse tempo: repete, repete, repete, exaustivamente. E consegue. Parece que uns já nasceram sabendo, basta a primeira tentativa e, pronto! Tem aqueles que acham que sabem, tentam e conseguem executar o movimento rapidamente, mas por não ter um pouco mais de paciência para um cuidado, logo passam para outro e outro e outro... Saem com a sensação de que nada fizeram. Ignoram, às vezes, **possíveis outros** sempre existentes no mesmo.

Mas os casos mais interessantes, personagens mais encantadores são aqueles que possuem um charme em anunciar de pronto: **eu não**

consigo. Talvez querendo minimizar futuras críticas, eles tentam e realmente não conseguem. **Risos, muitos!** No entanto, atentos aos conselhos dos outros artistas – porque, sim, não há professores que ensinam o que não sabem, apenas artistas, criadores! – conseguem depois de inúmeras tentativas mais relaxadas e divertidas no aprender e na pesquisa. **Já não se importam mais com um possível fracasso**, pois já o conhecem. **Executar um pequeno movimento** que não era possível antes é uma pequena conquista e se torna uma grande comemoração e incentivo para outras mais tentativas.

Percebo outra escola que se inventa ali, um circo de escola. Uma escola de circo. Diferente da alta performance ovacionada no *Cirque Du Soleil*. Uma escola marcada por **outros tempos, outros performances**, um tempo de aprendizado nada progressista e cronológico. Tempos únicos de aprendizagens **experenciadas no íntimo, nas pequenas conquistas** comemoradas sempre, **mesmo que sozinho**. Sempre sabendo que **aquela cambalhota**, aquela estrela, aquela pirâmide **humana pode ainda se tornar diferença**, tem em si uma multiplicidade. Possui, inclusive, uma forma ideal, no entanto, suas outras tantas possibilidades acabam tornando aquele ideal **apenas mais um possível, não a única forma**. E o tempo tem dado conta. Mas **quem conta o tempo somos nós, sua própria criação**.

O tempo de dentro da oficina é sempre atravessado por outros tantos tempos de fora. Não tinha pensado. **As portas** de nosso picadeiro, que são três, ficaram **o tempo todo abertas**. Por isso, **sempre presente um olhar** de alguém que passa saindo do supermercado, **voltando** do trabalho ou indo ao trabalho; **saindo** ou indo à escola. Ou **curiosos** de tantas origens e destinos que mal posso precisar com olhar, mas **que por algum motivo de encantamento, desviam seu percurso pensando**, e se permitem capturar por aquela produção. Certo é que **olhos observando sempre eram**

constantes. Inclusive, uma prima que encontrei há algum tempo depois, disse:

- Ué, Tarcísio, que você estava dançando lá na estação. Era dança?

Perguntei:

- Era dança?

Ela respondeu:

- Parecia que você estava dançando. Sei lá... era teatro? **Fiquei um tempão lá e você nem me viu.**

- **É. Tava dançando** mesmo. Ainda mais que você está dizendo. Nem eu sabia.

Um circo que era dança. Uma dança que era teatro. Um circo que dança. Movimenta-se. Circo teatro de rua, assim o palhaço da trupe Teatro Terceira Margem, Cristiano, descreve sua proposta. Um circo que era escola. Uma escola que era circo. Uma escola que estava sendo inventada. É, minha prima, mesmo sem saber, descobriu e inventou um teatro e uma dança **naquele corpo que eu ainda não sabia existir**. Encontros. Mais! Uma escola **sem definições prévias**.

O mais interessante nesta relação entre **dentro-fora** são aquelas pessoas que ultrapassam o portal mágico e se permitem entrar naquele mundo. Mais interessantes são aqueles que, seduzidos pelos movimentos, pelos aparelhos (malabares em forma de bolinhas, arcos, biroquê, pratos e palitos, e corpo humano) **acabam se rendendo** e começam a praticar.

Aqui penso mais. Uma escola que permita a **presença**, a sedução, o olhar, o praticar no **momento em que o desejo diz: SIM!** Um circo! Uma desobrigação. Uma escola em que o nivelamento não é feito, não há nível predeterminado. Como saber meu nível **em cambalhota? Que movimento mais eu posso ousar?** Preciso

esperar pelo professor para novas coordenadas e exercícios? Ou me **permito o tempo** para admirar o artista **que cria** na minha **presença?** Vamos **fazendo**. Experimentado. Há bastantes artistas atentos, companheiros para servir como base, para dar sustentação às costas no momento de **virar de cabeça para baixo**. Estes novos de fora inauguram sempre um novo começo. **Novas alianças**. Novos encontros de criação. Estar presente desde o primeiro dia de oficina não garante exercício executado com mais facilidade ou maior saber que **o recém chegado**. É que aparecem novos praticantes que na primeira tentativa, *vualá*, estão de cabeça para baixo, sem **esboçar nenhuma força desnecessária**.

Meu caso. Formado há pelo menos três anos na graduação, com especialidade em Teatro e Dança na Educação, umas outras tantas oficinas, espetáculos e aulas técnicas ou técnicas corporais experimentadas. Mas, acredite, **não consigo fazer parada de mão**. **Movimento que consiste em ficar de cabeça para baixo, com o corpo ereto, apoiando apenas o topo da cabeça e as mãos**. Quer dizer, antes eu **tinha medo de ver o mundo de cabeça para baixo**. Acho que influenciado por vezes na infância quando adultos receosos a algum acidente, diziam ou sentenciavam: “seu **sangue** vai todo para **cabeça**, menino!” Antes fosse! Talvez assim, pensasse melhor, com mais oxigênio, com mais sangue e menos Conhecimento. **PENSAR COM A CABEÇA?**

Eu via crianças, pessoas mais novas que eu, **de pernas para o ar**, sorrindo e repetindo o movimento. **A idade não importa** em nada. Ou talvez importe em criar mais impossibilidade que possíveis. Nem sempre o conselho dos mais velhos são mais sábios. Será!? Eu já não possuía os medos da infância. Aliás, já **havia me esquecido que tive este medo**. **Lembrei agora**, ao escrever este texto. Lembrei que uma professora, na faculdade disse também que uma amiga atriz usava esta posição como aquecimento, antes de entrar em cena, porque lhe causava

pânico e ajudava a ficar mais atenta. Curioso, né!? Bom, nem lembrei disso quando tentava o movimento. **Eu não conseguia** agora porque **não encontrava meu centro** de equilíbrio, **centro que sempre ouvi existir**, mas **que ainda não havia conseguido encontrar**. **Mas numa das repetições, algo aconteceu**, e o que eu sabia há algum tempo, que já era conhecimento, informação dada, **o corpo inventou**. **Consegui perceber, inventar um modo** de elevar minhas pernas enquanto apoiava minha cabeça e mãos no chão, sentindo tencionar, acionar os músculos do abdômen. A sensação **indescritível da invenção** há algum tempo não experimentada. **Alegria, alegria!**

A partir daí, percebi que quando ouvia de alguém uma reclamação de que não sabia fazer alguma coisa repetia, quase o mantra, instantaneamente: – **Você não sabe**, mas **pode inventar**. Você não sabe até conseguir. Você não sabe até saber que sabe.

Percebi que mesmo as tentativas que nem sempre faziam surgir os movimentos pretendidos, acabavam com uma boa pose cômica, meio envergonhada, mas sempre divertida. Alegre. Sorrisos. E mais sorrisos. E claro, muita invenção. Inventou, **por acidente**, o palhaço Desajeitado! Nesta escola parece que tudo é inventado, mesmo uma outra frustração. Claro. Porque há um desejo de não soltar os aparelhos, de zoar o colega, de conversar com o amigo há tempo conhecido, de burlar algumas regras na hora do lanche. **E com muito jeitinho:**

- Atenção! Hora de mudar de aparelho e guardar tudo!
- Vamos, novos grupos, **você pra lá e você pra lá**. Acho que você pode ajudar mais aquele grupo, tá conversando demais com sua colega. A frustração inicial é também um **outro convite a pesquisar novas relações**.

Uma escola que tem tempo e para, **sem programar**, para falar de gênero e sexualidade, com urgência do tema, com naturalidade:

- Vamos juntando nosso figurino. Maquiagem... batom, lápis, podemos pedir para mãe. Diz o palhaço.

Alguns garotos riem, outros se espantam, outros aguardam:

- Mas batom!? Como vou pedir para minha mãe. Provoca um garoto. Mais provocador, e naturalmente palhaço, delimitando pouco a cena da vida cotidiana, o palhaço responde:

- Este batom, foi minha mãe quem me deu. Fala que é para o teatro.

Basta saber que pode ser **o teatro da vida**. Continuam as apresentações. O palhaço mostra seus objetos, sua **grande mala cheia de objetos e histórias** recolhidas em muitas viagens. **Histórias-objetos**. Ou objetos-histórias. Mas nada de objetos históricos. Com serenidade e arte ao falar, **ele encanta com cada objeto** que é **mostrado**. Parece re-viver aquelas **histórias guardadas em tantos objetos**. Viajamos com ele a **Portugal e sua cartola, a Juiz de Fora e sua mala, à amizade e sua gravata, ao colete e a falta de dinheiro**, mas **muito talento da costureira** de Lima Duarte. A palhaça faz o mesmo, e procura com **tamanha vivacidade** a blusinha azul e amarela, presente dado pelo palhaço. Cada objeto **tem um significado, uma história**. **Objetos** que **podem custar** no brechó da esquina, um ou dois reais, **mas** que para eles **é de incalculável valor**. **Nada é supérfluo, tudo necessário, encontro de vida!** Uma escola **onde tudo é necessário**. **Penso**.

Mesmo a duração de 3h por dia não precisa ser tão precisa, porque **em 1h há tantas horas** para serem **inventadas**. O tempo é **alongado** à eternidade. **E encurtado** a segundos. **Tudo ao mesmo tempo**. Quando fazemos algo que nos é interessante, o tempo como cismam em re-conhecer com **segundos, minutos e horas** parece não fazer sentido. Passamos a controlar o tempo, dividindo-o em o que ainda não fiz e o que ainda tenho a fazer. Parece que **sempre temos**

mais tempo. Parece que **sempre falta tempo** para fazer mais. **Tudo ao mesmo tempo.**

E no meio da oficina, começamos a pensar sobre o que podemos apresentar para celebrar o convite recebido junto ao *LeiturAMA* e ao Choro Uai!. A proposta é investigar possíveis composições cênicas partindo dos exercícios por nós pesquisados. E o que poderia parecer dificuldade – o pouco tempo para ensaios – **torna-se potencialidade – tempo para criar!** Uma escola que não é pensada como fim, como produto pronto, mas sempre pronta a mostrar-se, porque sempre produz. É **produção de produção.** Produção que não se assemelha ao produto final, mas ao prazer de produzir. Quando se produz, é sempre possível ver algum produto, apesar de nem sempre está pronto, ou apesar de sempre estar pronto a se tornar outro, jamais o mesmo.

Temos jogo de futebol com trave humana e troféu menina. Temos uma cozinha de malabares saborosos e artistas famintos de criação. Temos uma pirâmide humana de pratos giratórios. Grupos misturados nos quais **a diferença é sempre presente** e a afinidade é inventar. **Novas conjunções e possíveis de composição.** Afirmação do **rizoma** criativo e não de uma árvore genealógica artística com raízes fixas. **Rizoma**, raízes nômades, em redes lançadas e fecundos encontros. Chama atenção o grupo que mistura acrobacias com manipulação dos malabares pratos. A orientação primeira do artista era usar o que havíamos pesquisado. Todos os grupos foram competentes em suas apresentações. Mas este grupo me chamou a **atenção pela mistura, sem orientação prévia, das habilidades pesquisadas.** Criaram um número (**seria isso possível na matemática?**) que fora além das primeiras pesquisas, executaram **manipulação compartilhada de aparelhos**, se ajudavam na formação da pirâmide e, logo, manipulavam os pratos nos palitos, para então, tomarem seus lugares na pirâmide.

Interessante notar também que se tratava do grupo formado pelos participantes mais jovens, sem presença de um adulto.

Uma escola onde é possível inventar números. Uma escola onde a etapa é construída na própria etapa. Uma escola onde existem apenas inícios, inúmeros inícios. Ou processo. Uma escola sempre em processo na qual não há fim de processo, apenas efetuação do **processo de invenção** que logo dá início a outro processo.

Uma escola de portas abertas, pronta para receber quem está fora e deixar sair quem está dentro. Uma escola sem compromissos pré-fixados, senão com a criação. Uma escola sem tempo ou com tempo único, marcado pela sua própria gênese. **Invenção que ora acelera, ora desacelera** o tempo cotidiano, que permite inventar **inúmeros tempos**. Uma escola **que não tem muros, que** demarca espaços, mas que sempre **tem espaço para inventar novos espaços**. Uma escola feita de circo teatro de rua dentro do Centro Cultural **para fora**. Um teatro de rua dentro da sala para fora da rua. Um teatro, um circo, uma rua, um galpão, um centro cultural, um espaço cênico feito de gente. Gente feita com muita arte. Uma escola inventada em artesanaria **nômade** de gentes.

Termino este texto me preparando, talvez, para outro. Depois da ocupação e invenção do espaço Centro Cultural, uma nova performance anunciada convida a pensar. **Quando os nômades forem embora, recolherem seus tecidos**. O que o vazio deixado pode dar vida? Como **outra ocupação espacial é possível** para receber de volta os nômades da nossa terra? **É tempo de invenção**.

Aprender é o nome que convém aos atos subjetivos operados em face da objetividade do problema (Ideia), ao passo que saber designa apenas a generalidade do conceito ou a calma posse de uma regra das soluções. (idem.)

2. Depois do fim outro começo

Durante a avaliação da dissertação aprovada em 2015 - “Uma Formação esquizita. Uma Educação bricoleur - processo ético e estético e político e econômico” (que fora atacada por grupos fascistas em redes sociais em maio de 2017) - a membro da banca Prof^a. Doutora Clarissa de Carvalho Alcântara, sensível, nômade, produção de produção, aceita os possíveis de leitura convite que nem sabia ter feito e inventa, numa escavação deste platô da dissertação, outro texto dentro do texto, abrindo texto. Antes da cortina cair e do acampamento ser desfeito e seguir viagem, convido a uma outra leitura, agora apenas dos trechos destacados em negrito. Quem sabe ficamos por aqui, quem sabe viagens por vir... Obrigado, respeitável público sempre inventivo. Obrigado!

3. Referência

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*, tr. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.